

# PESQUISAS NA PANDEMIA E OS ARTEFATOS DA CIBERCULTURA

## RESEARCHES DURING THE PANDEMIC AND THE ARTIFACTS OF CYBERCULTURE

## LAS INVESTIGACIONES EN PANDEMIA Y LOS ARTEFACTOS DE LA CIBERCULTURA



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.22478/ufpb.1983-1579.2021v14nEspecial.60700

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

**Nilda Alves**

Doutora em Ciências da Educação

Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [nildag.alves@gmail.com](mailto:nildag.alves@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-05584175>

**Izadora Agueda Ovelha**

Mestre em Educação

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [izadoraagueda@yahoo.com.br](mailto:izadoraagueda@yahoo.com.br)

Orcid <https://orcid.org/0000-0003-40292207>

**Fernanda Mello**

Mestra em Educação

Professora do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [fernandamelloffpuerj@gmail.com](mailto:fernandamelloffpuerj@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-15931329>

**Resumo:** Neste artigo, trabalhamos com alguns dos deslocamentos metodológicos na corrente de pesquisas nos/dos/com os cotidianos acentuados no período de pandemia. Alguns deles já existentes e outros que surgiram especialmente porque a má distribuição da Internet pelo país e a insuficiência dos artefatos tecnológicos de docentes e discentes, colocou mais claro as diferenças abissais existentes na população brasileira quanto ao acesso à Educação e aos processos curriculares nas escolas. A análise e exposição dessas questões é feita com o apoio nas questões teórico-metodológicas com que trabalhamos: redes educativas, personagens conceituais, circulação científica, relações 'prácticasteorias'. Essa análise tem a contribuição das conversas que realizamos com textos de Certeau, Deleuze-Guattari e autores/autoras brasileiras que trabalham em pesquisas com os cotidianos.

**Palavras-chave:** Cineconversas. Redes Educativas. Circulação Científica.

Recebido em: 09/09/2021

Alterações recebidas em: 10/11/2021

Aceito em: 06/12/2021

Publicação em: 30/12/2021

### Como citar este artigo:

ALVES, N.; OVELHA, I. A.; MELLO, F. PESQUISAS NA PANDEMIA E OS ARTEFATOS DA CIBERCULTURA. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. Especial, p. 1-10, Ano.2021 ISSN1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2021v14nEspecial.60700>.

**Abstract:** In this article, we work with some methodological displacements in the research chain in/of/with the everyday life, marked with this pandemic time. A few already existed and others appeared, mostly due to the bad distribution of internet throughout the country and the lack of technological artifacts, from both teachers and students, showing the enormous differences existing in the Brazilian population regarding the access to education and curricular processes at schools. The analysis and exposure of those questions are done with the support in the theoretical-methodological questions in which we work: educative networks, conceptual characters, scientific circulation, ‘practicestheories’. This analysis has the aid of the conversations we made with the texts from Certeau, Deleuze-Guattari and Brazilian authors that work with everyday life researches.

**Keywords:** Cinetalks. Educative networks. Scientific Circulation.

**Resumem:** En este artículo, trabajamos con algunos de los desplazamientos metodológicos en la corriente de investigaciones en/ de los/los cotidianos acentuados en el período de pandemia. Algunos de estos ya existían y otros surgieron, especialmente, porque la mala distribución de Internet en el país y la insuficiencia de las herramientas tecnológicas de docentes y discentes puso más en evidencia las diferencias abismales existentes en la población brasileña en cuanto al acceso a la Educación y a los procesos curriculares en las escuelas. El análisis y la exposición de estas cuestiones se realizó con apoyo en las cuestiones teórico-metodológicas con las que trabajamos: redes educativas, personajes conceptuales, divulgación científica, relaciones “prácticasteóricas”. Este análisis cuenta con la contribución de las conversaciones que realizamos con textos de Certeau, Deleuze-Guattari y autores/autoras brasileñas que trabajan en investigaciones de los contextos cotidianos.

**Palavras chave:** Cinecharlas. Redes educativas. Circulación científica.

## 1 INTRODUÇÃO

E chegou a pandemia...

A surpresa foi geral, mas as formas de reagir foram diferentes. Para as autoridades educacionais e donos de escolas privadas que proibiam, antes, o uso de celulares nos ambientes escolares, ao invés de prepararem os docentes para que junto a seus estudantes organizassem ações curriculares com esse e outros artefatos tecnológicos, só fizeram dar a ordem: “volta às aulas pela internet”. Os governos que não prepararam as redes de ensino com as bases necessárias para a migração que se deu – boa internet acessível a todos; base de recepção na mão de todos os docentes e todos os discentes (celulares, tablets, computadores) – fingiram que não tinham porque se falar nisso, sem enxergar o quanto de aumento das desigualdades de todo tipo esses fatos traziam, demonstrando descompromisso com os brasileiros - crianças e jovens, em especial; as fundações privadas – que afirmavam que tudo sabiam sobre Educação e que as/os docentes precisavam ser “guiados pelas mãos” no seu ofício e para isso produziam apostilas para controlar todas as ações docentes, ganhando muito dinheiro público de prefeituras e estados, ficaram caladas por mais de um ano, mostrando que nada entendiam de fato.

Mas as diretoras e diretores de escolas e as/os docentes que nelas atuavam perceberam que era preciso agir, porque os estudantes precisavam receber merenda, porque precisavam ter contato de todo tipo com os responsáveis e os estudantes. Aproveitaram, então, para começar, os contatos por WhatsApp que tinham criado antes da chegada do vírus, por perceberem serem úteis em quaisquer circunstâncias. Com isso, foi se criando, pouco a pouco, redes diversas de contatos que permitiram a distribuição de merenda, o desenvolvimento de contatos pedagógicos, a criação de redes de apoio diverso para que as atividades pedagógicas se desenvolvessem - até de grupo de maridos e filhos de professoras com bicicletas para levar e buscar material nas casas dos estudantes tivemos notícias. Nesses processos e para melhorá-los, solicitaram contatos e trocas com grupos de pesquisa, ensino e extensão das universidades públicas, especialmente. Com isso, se intensificou, como pudemos perceber, grandemente, a “circulação científica” (CALDAS, 2015; 2010; CALDAS; ALVES, 2018; ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) entre as escolas e grupos de pesquisa de universidades. Para começar, nesse movimento, estes grupos perceberam que não tinham dado conta, ainda, como os artefatos tecnológicos à disposição – com suas tantas falhas ou lentidão, descobriram, também – poderiam ser úteis às suas pesquisas. E se jogaram nesses contatos para descobrir possibilidades outras de se

articularem com escolas – seus docentes, seus discentes, outros servidores, responsáveis de alunos, comunidades locais – buscando compreender mais amplamente e com mais proximidade às questões que pesquisavam.

Nesse artigo, para pensar os deslocamentos metodológicos de pesquisas em Educação, vamos mostrar alguns caminhos desenvolvidos em pesquisas, nesse período pandêmico.

### 1.1 O PRIMEIRO CAMINHO A DESTACAR: a ‘circulação científica’ ou a participação de múltiplos ‘praticantespensantes’ das escolas com as universidades

Já há algum tempo, estamos nos preocupando em buscar saber como aquilo que produzimos e criamos em ‘*conhecimentossignificações*’<sup>1</sup> interessa a outros e como aquilo que outros produzem ou criam como ‘*conhecimentossignificações*’ precisa ser estudado e compreendido por nós em nossas pesquisas.

Para isso acontecer, precisamos, antes, nessa corrente de pesquisa, compreender que as relações que os ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos estabelecem entre si, nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam, se desenvolvem em ‘*conversas*’ em ambientes múltiplos e complexos de criação de ‘*conhecimentossignificações*’. Isso nos indica a necessidade de assumirmos as ‘*conversas*’ como ‘*espaçostempos*’ nucleares nas pesquisas com os cotidianos. Entendendo, ainda, que para dar conta dessas múltiplas e complexas relações precisamos expressá-las de formas diferentes, com múltiplas narrativas, imagens e sons que nelas surgem.

Essa compreensão nos levou a buscarmos as articulações realizadas entre o que se produzia nas pesquisas dentro dessa corrente e como atingiam aqueles com os quais elas se preocupavam: quer os ‘*praticantespensantes*’<sup>2</sup> com quem ‘*conversamos*’, em suas tantas ações ‘*dentrofora*’ das escolas, quer inquirindo os artefatos curriculares que são ‘*usados*’<sup>3</sup>

A ideia de ‘circulação científica’ tendo surgido bem antes da pandemia (CALDAS, 2010; CALDAS, 2015) explicitando a necessidade de trocas entre os grupos de pesquisa das universidades e os ‘*praticantespensantes*’ das escolas, mostrou que era muito mais do que divulgação científica, na pandemia, reforçando aquilo que Caldas (2010) já afirmava acerca desse movimento:

mais do que divulgação do que é produzido como (...) [‘*conhecimentossignificações*’] nas pesquisas, o que propomos é uma circulação da produção (...) [renovada e questionadora, destes], possibilitando uma ‘*conversação científica*’, tanto no sentido dos pesquisadores/professores inseridos na Universidade para com seus colegas atuante nas escolas, como no sentido dos professores/pesquisadores que, em suas práticas curriculares nas escolas, passam a contribuir com os (...) [‘*conhecimentossignificações*’] que criam cotidianamente, na melhor compreensão dos processos curriculares. Com essa atitude, propomos o ‘uso’ da divulgação científica como potência para pensar e praticar a circulação de (...) [‘*conhecimentossignificações*’], (...) [articulando] os pólos de produção e emissão, e considerando a ‘*conversação científica*’, da qual todos podem participar, como parte integrante e fundamental da produção de ciência, na área da educação. Tudo isto vem

<sup>1</sup> Temos formulado assim aquelas tantas dicotomias que forjaram, na Modernidade, a possibilidade de criação das ciências. Elas começaram a nos aparecer como limites aos caminhos que precisávamos desenvolver nas pesquisas que realizávamos e que está relacionada à corrente que foi chamada de “*pesquisas nos/dos/com os cotidianos*”. Para chamar a nossa atenção acerca disso, passamos a escrevê-las assim: os termos juntos, em itálico e entre aspas simples (esta última providência foi tomada para indicar aos revisores de textos que esses termos devem ficar assim como estão).

<sup>2</sup> Articulação de termos indicada por Oliveira (2012) que, em acordo com o pensamento de Certeau, (2014) vai além dele expressando de modo sucinto a ideia de que os “*praticantes*” sempre criam ideias.

<sup>3</sup> O termo é aqui usado no sentido que lhe dá Certeau (2014) quando diz que todos os praticantes para além de consumir os produtos que encontra, eles os ‘*usam*’ indo além do que é proposto no consumo de cada produto e criando outros modos de lidar com ele.

permitindo transformações que ressoam em nossas possibilidades de expressão, sensação, entendimento (...) [na] ‘aprendizagemensino’ pelos mais diversos ‘espaçostempos’ (...). E, mais ainda, criando a compreensão de que, nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, em múltiplas questões curriculares, não é possível criar (...) [conhecimentossignificações] válidos sem a intensa participação de todos os seus (...) [praticantespensantes]. (CALDAS, 2010, p. 73)

A intensificação desse movimento se deu, tanto porque diretoras/diretores e docentes de inúmeras escolas foram em busca de pesquisadoras/pesquisadores com quem pudessem trocar ideias a partir das dificuldades por que passavam nesse período tão estranho, como porque as pesquisadoras e pesquisadores da Educação, percebendo que não podiam deixar de pesquisar, buscaram meios outros para estar junto daquelas e daqueles com quem pesquisavam. Essa circulação científica se deu facilmente? De modo algum, pois os meios a recorrer nessa migração do presencial ao online que tinha sido muito negada, anteriormente, precisou ser aprendida por quase todas e todos que participavam desse movimento, tanto na academia como nas escolas. Mas se deu graças ao uso de plataformas já existentes e das quais, a não ser por diversão ou em casos específicos se fazia uso.

Todo esse movimento nos permitiu a nós pesquisadoras e pesquisadores uma compreensão melhor do nosso trabalho na ‘circulação científica’. Ele já tinha sido indicado por Caldas (2015) ao citar Vogt (2006) que escreveu:

é muito comum, ao se falar em divulgação científica, pensar em formas de transmitir conhecimento para o público leigo, democratizando, por meio de acesso, o saber. Contudo, mesmo nessa contingência, a divulgação científica é bem mais do que isso, pois, apesar da proposta se pretender unilateral, no sentido “um para todos”, ela implica um processo de reinvenção do próprio cientista, desde que este esteja atento para isso: “divulgo para melhor compreender o que faço”. Foi com essas palavras que Michel Crozon, físico do campo das altas energias, respondeu à pergunta que lhe foi feita em uma conferência sobre o tema “Por que divulgar?”, realizada em Paris, em 2001. (VOGT, 2006: 43; Apud CALDAS, 2015, p. 52)

## 1.2 O SEGUNDO CAMINHO A DESTACAR: a busca de comunicação por plataformas já existentes e a criação de modos e ‘espaçostempos’ diferentes de pesquisar

Hoje em dia é inevitável não perceber o quanto os artefatos culturais tecnológicos se tornaram essenciais nas relações humanas. Os ‘usos’ – para além do consumo e apesar dele – desses artefatos surgem como ‘espaçostempos’ para se criar outros modos de comunicação que em muito difere das mídias clássicas e tiveram aumento exponencial nesse período pandêmico. As migrações intensas de meios que foram necessárias fazer nesse período levaram a que: superássemos medos e ojerizas anteriores; as práticas de comunicação se transformassem intensamente; as práticas curriculares fossem questionadas e se colocassem em movimentos mais rápidos. Isso só pode acontecer porque o trabalho nas escolas se fez mais coletivo, com ambientes e ‘praticantespensantes’ múltiplos. Os/As docentes e as/os responsáveis de alunos que mais sabiam usar os artefatos tecnológicos se reuniram a docentes e buscaram ajudar docentes e filhas/filhos estudantes nas atividades curriculares a desenvolver. Nos anos mais para o fim do ensino fundamental e ensino médio, foram intensas as trocas sobre modos de usar entre docentes e discentes, indicando mais uma vez, e potentemente, que somos todos ‘docentesdiscentes’ ou ‘discentesdocentes’, como Alves (2019) nos indicou em um de seus livros mais recentes, lembrando-nos:

Nesse sentido, vamos precisar compreender que os ‘conhecimentossignificações’ dos/nos/com os cotidianos são como a “decifração” de palimpsestos, como já nos indicava Certeau (1994). O que vivemos, hoje, nesses ‘espaçostempos’ está inscrito em cada um dos ‘praticantespensantes’ presentes nos cotidianos, nos ‘espaçostempos’ em que

eles “fazem suas artes” e “contam suas histórias”, trajetórias de muitas vidas, e são tecidas redes de muitas relações. Como em toda “decifração”, estamos submetidos à possibilidade de erros, mas, pelo menos, sabemos que eles estão presentes como possibilidade, ao contrário de tantos que desconhecem sua existência tão necessária à feitura de qualquer ato humano (p.136).

Para trabalhar com esses novos artefatos e articular as formas como em todas essas redes seus ‘praticantespensantes’ criam nos ‘usos’ que fazem deles, vamos precisar aceitar a presença desses erros, buscando descobri-los e superá-los. Essa mesma autora nos lembra Morin em uma de suas obras, escrevendo:

Morin (1996: 152), usando André Boué, nos ajuda nesta tarefa, ao proclamar: “como diz André Boué, o que é grave no erro não é cometer erros (fazemos isso incessantemente), mas sim não eliminá-los”. Ou ainda, usando Popper, e dizendo: “Popper inverteu a problemática da ciência; julgava-se que a ciência progredia por acumulação de verdades; ele mostrou que a progressão se faz sobretudo por eliminação de erros na procura da verdade” (MORIN, 1996, p. 148; ALVES, 2019, p. 136-137)

E que novos deslocamentos metodológicos esses movimentos nos cotidianos escolares de migração tecnológica, de amplo caráter coletivo, permitiram/exigiram a nós pesquisadoras/pesquisadores?

Os ‘usos’ de artefatos culturais, transformados em artefatos curriculares fizeram, antes de mais nada, ‘fazerpensar’ mais complexamente as possibilidades de pesquisa, em especial, nos possíveis ‘usos’ desses próprios artefatos para a realização dessas. Se as pesquisas com os cotidianos requerem movimentos singulares (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019), contra-hegemônicos, inclusive, para melhor compreender esses ‘usos’, deslocamentos, hibridizações, aproximações entre os campos da comunicação e educação, na busca de uma atitude ética, estética e política à promoção do bem comum, era necessário que as ‘conversas’ que realizávamos também por esses artefatos questionassem velhos ‘clichês’<sup>4</sup> e novos ‘clichês’ que iam surgindo com a migração que era realizada por todos e todas para os novos artefatos, com muita dificuldade, com medo ou no maior entusiasmo por alguns.

É preciso lembrar que, aqui, para nós que pesquisamos nos/dos/com os cotidianos as “epistemologias, políticas e vida cotidiana formam um tecido único, cujos processos de tessitura se dão pela formação de redes integradas por tudo aquilo que criamos, fazemos, pensamos e sentimos” (OLIVEIRA; PEIXOTO; SÜSSEKIND, 2019, p. 9).

Há muito, as pesquisas com os cotidianos apostam nas redes de conversações como potência nas pesquisas que realizam para estudar e pesquisar os diversos cotidianos de pessoas comuns, com as histórias que nos contam. Desse modo, as ‘conversas’ passaram a ser o lócus central dessas pesquisas. Com a migração, determinada pela pandemia, para o online, essas ‘conversas’ também passaram para as inúmeras plataformas disponíveis – gratuitas ou pagas – que levaram a grandes experimentações nas pesquisas que eram realizadas, aceitando os erros e as enormes dificuldades que tínhamos nessas ações. Se nessas pesquisas ouvir e fazer circular narrativas com todos os sons e imagens que estão sempre presentes nelas já eram nossos ‘personagens conceituais’<sup>5</sup>, as plataformas digitais que foram

<sup>4</sup> Deleuze em um de seus livros nos quais trabalha com o cinema questiona uma ideia que encontrava muito em voga naquele momento: a de éramos uma sociedade do espetáculo, na qual o uso intenso de imagens era massificador. Deleuze (2007) diz que somos, sim, uma “sociedade de clichês”. Indica, também, que os clichês surgem quando temos grande dificuldade de enfrentar uma situação de grande dor, grande dificuldade de solução ou mesmo de grande beleza. Mas, nos diz que só podemos ir além dos clichês quando eles são formulados, pois sem a sua formulação eles ficam escondidos e não podem ser criticados e não se pode ir além do que eles dizem.

<sup>5</sup> Em pesquisas que eram realizadas, Alves; Arantes; Caldas; Rosa; Machado (2016) declaram: “fomos entendendo, então, que os “personagens conceituais” (DELEUZE; GUATTARI, 1992) poderiam ser figuras, argumentos ou artefatos que nas pesquisas que desenvolvemos aparecem com aquilo/aquele com que se “conversa”, permanecendo por muito tempo conosco para que possamos pensar e articular ideias, formando os

substituindo as ‘conversas’ presenciais, criaram uma possibilidade interessante: a gravação das ‘conversas’ que se desenvolviam e seu armazenamento em nuvem, para consultas múltiplas. Desse modo, o que essas narrativas contam e o que nos tocam e provocam sentimentos e ‘conhecimentossignificações’ em todos os participantes das ‘conversas’ permitiam, por serem sonoras e imagéticas, o registro da memória de expressões de rostos, de lágrimas que apareciam etc. Para além do registro exclusivamente sonoro que antes era feito.

Por outro lado, Alves, Chagas e Mendonça (2019) destacam que em muitas pesquisas com os cotidianos se trabalha, intensamente, com os múltiplos artefatos culturais<sup>6</sup> que circulam nos múltiplos ‘espaçostempos’ da sociedade e das escolas. Ora, muitos deles, já há muito, tinham migrado para o online: textos, filmes, imagens e sons etc. Com isso e no mundo da Cibercultura, as migrações permitiram/exigiram deslocamentos metodológicos. Essas autoras nos lembram, ainda, aquilo que interessa nas pesquisas com os cotidianos, lembrando o que escreve Certeau:

A análise das imagens difundidas pela televisão (representação) e os tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelos estudos daquilo que o consumidor cultural ‘fabrica’ durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso dos relatos e legendas que o jornal distribui. (CERTEAU, 2014, p. 38).

Ainda mais, o acesso a grupos mais distantes – em outros municípios, outros estados; em escolas mais longínquas – permitido pela migração realizada para o online, tem levado a mudanças ‘espaçostemporais’ para diferentes grupos atuando nas pesquisas com os cotidianos. Isso exige alguns deslocamentos metodológicos trazidos por algumas perguntas que passam a ser necessárias: que grupo é esse que entra agora na pesquisa? Como se dão as trocas entre os diversos níveis de organização dessa rede educacional em que esse grupo está atuando? Como podemos saber essas coisas? Sabê-las até que ponto?

### **1.3 O TERCEIRO CAMINHO A DESTACAR: a criação de artefatos que permitem a comunicação mais fácil e menos pesada em termos dos artefatos que docentes – em serviço e em formação - possuíam**

Mas, a incorporação de outros grupos de docentes ou discentes nas pesquisas em realização - percebendo a desigualdade marcante quanto ao acesso aos mundos (Augé, 1997) da Cibercultura entre os ‘praticantespensantes’ dos ‘espaçostempos’ escolares - trouxe a necessidade de modos diversos na comunicação aparecessem.

Assim, frente ao acontecimento que atravessou nossas tantas redes educativas e nos colocou desafios novos acerca de como continuar as pesquisas, foi preciso criar modos novos de comunicar os ‘conhecimentossignificações’ que criávamos, fazendo circular as ideias entre os vários mundos da Educação (ALVES, 2014). Naturalmente se o WhatsApp, em um primeiro momento permitiu preencher essa lacuna, era preciso ir além e criarmos outros artefatos.

Com isso, sem deixar de lado outros artefatos culturais com que trabalhavam, diversos grupos de pesquisa – de diferentes tendências temáticas e metodológicas – fizeram ‘uso’ de artefato cultural existente há alguns anos, mas que tinha sido ignorado até então, sem ser experimentado antes, mas que trouxe importantes condições de contatos entre os grupos e dentro de cada grupo<sup>7</sup>, entre seus membros, no momento da pandemia: o podcast.

---

‘conhecimentossignificações’ possíveis aos processos de pesquisa que desenvolvemos. Assim, fomos percebendo que, nas pesquisas nos/dos/ com os cotidianos, as narrativas (e sons de diversos tipos) e as imagens dos ‘praticantespensantes’ dos ‘espaçostempos’ que pesquisávamos eram “personagens conceituais”. Com eles, então, conversamos longo tempo, e vamos formulando modos de fazer e pensar nas pesquisas que desenvolvemos (28).”

<sup>6</sup> Lembramos que esses artefatos culturais, em seu uso nas escolas, passam a ser artefatos curriculares.

<sup>7</sup> É preciso lembrar que esse não foi um fato ocorrido somente no campo da Educação: outras áreas de pesquisa fizeram uso do podcast. Até mesmo as mídias o usam, atualmente, com muita frequência: programas de televisão tem, hoje, podcast; jornalista de televisão e da imprensa também o usam, agora, com periodicidade.

O podcast passou a ser, então, uma experiência epistemológica e metodológica do momento e em devir, ocupando a cena entre os artefatos tecnológicos nas mídias praticadas pelos meios de comunicação de massa e, também, permitindo a criação em ‘*espaçotempos*’ educativos e de mediação cultural. O *podcast* consiste em “um modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução de oralidade, podendo veicular músicas e sons” (FREIRE, 2015). Dado a simplicidade de sua produção e da forma de audiência (escuta com fone de ouvido, em qualquer lugar) tem levado, ainda, as empresas de comunicação a investirem em miniprogramas com diferentes temas.

Os meios de comunicação, instituições ligadas à cultura e à educação bem como os movimentos sociais têm lançado diferentes projetos fazendo uso do podcast. A distribuição das informações nas indústrias de mídia ocorre, atualmente, através dos portais (de acesso interno) para os diferentes veículos que compõem os conglomerados. Nas escolas e nos movimentos sociais, o podcast vem sendo bastante utilizado para movimentar processos curriculares, nas primeiras, e para dar visibilidade às pautas de reivindicações, nos segundos.

Outro fator importante para sua criação, em todos esses ‘*espaçotempos*’ de comunicação, está em sua viabilidade financeira de produção, assim como a sua disponibilização *on-line* não ter custos. Isso ocorre em razão da presença de diversos serviços gratuitos de armazenamento e distribuição automatizados de podcasts, na web.

Quanto às escolas podemos dizer que por volta dos anos 2000, os podcasts foram compreendidos como uma possibilidade pedagógica. Naquele então os poucos podcast que apareceram eram feitos a partir de um aparelho denominado MP3, que funcionava como gravador de voz e como dispositivo de armazenamento de sonoros.

Na época, algumas escolas do Estado do Rio de Janeiro ousaram, pois não era artigo didático nessa época, e adquiriram esses pequenos aparelhinhos, com muita reserva, pois não se sabiam ainda como os mesmos deveriam ser patrimonializados. Custava caro, porém, muito fácil de ser extraviado devido a sua leveza e tamanho similar a de um chaveiro. “Recordo que, em 2005, junto com alunos do CE Pedro Álvares Cabral, realizamos um projeto intitulado ‘Os livros que li para você ouvir’ (gravação em áudio de crônicas de Luiz Fernando Veríssimo feita por alunos) e que se destinava às pessoas cegas.

Todavia, o MP3 perdeu utilidade, e, conseqüentemente, seu uso, pois o aparelho MP4 chegava com possibilidade de armazenar mais arquivos de músicas e voz, e de armazenar vídeo também, que aliado ao surgimento e massificação do Youtube, logo davam lugar à produção dos *Vlogs* e *Blogs*, que despontava nas produções cotidianas escolares. Hoje, o computador, o celular e a internet nas nuvens formatam, veiculam e guardam os arquivos. O MP3 seguiu, assim, o destino de todos esses e outros artefatos, nesses tempos em que a velocidade de criação tecnológica e a lógica do rápido desaparecimento de artefatos com a ideia de que é preciso consumir cada vez mais vem hegemonizando esse mundo.

A intensificação do ‘uso’ desse artefato tecnológico – o podcast - tanto pelo ponto de vista do mercado editorial quanto pelo ponto de vista da autoria independente, evidencia um potencial que lhe era peculiar desde sempre: qualquer pessoa pode abrir o seu canal, produzir sua programação, emitir opinião, com mais possibilidade de escuta/audiência, pois o conteúdo pode ser segmentado e o produto desenvolvido muito mais leve para seu depósito e ‘uso’ cotidiano. Como nos lembra Certeau (2014, p. 61): “o homem (...) [comum] se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento.”

A internet trouxe possibilidades de trocas de vários tipos. As informações tornam-se muito mais disponíveis para a sociedade. Os modos diferentes de criar ‘*conhecimentossignificações*’, linguagens, formas de relações interpessoais e coletivas, fez com que pudéssemos usar esse artefato cada vez mais e fazer dele, cada vez mais, nosso instrumento de ‘uso’, também, em processos de pesquisa. Pensando com Alves (2008), dizemos que os praticantes

assim em um mesmo processo, vão aplicando o que lhes é imposto pela cultura dominante, com os produtos técnicos colocados à disposição para consumo e,

em contrapartida, vão criando modos de usar e conhecer o invento técnico ou artefato cultural, fazendo surgir tecnologias e possibilidades de mudanças tanto dos artefatos técnicos, como das técnicas de uso. A compreensão desse processo foi possível no desenvolvimento da ideia de tessitura de conhecimentos em redes nessas pesquisas e em outras, desenvolvidas por grupos de pesquisas nos/dos/com os cotidianos com os quais mantemos relações diversas. (p.1-2)

Desse modo, seu ‘uso’ pelas pesquisas em Educação tem servido: para ampliar a necessária ‘circulação científica’, intensificando as trocas entre os inúmeros e diferentes ‘*espaçostempos*’ de ‘*prácticasteorias*’ da Educação: as ações curriculares e didáticas, suas pesquisas, a criação de ‘*conhecimentossignificações*’ naquelas que se nomeiam de pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

Vivendo e criando em tantos mundos culturais (AUGÉ, 1997), formado por múltiplos contextos cotidianos articulados, nos quais são tecidas as diversas experiências do dia a dia, criando, assim, múltiplas redes de ‘*conhecimentossignificações*’, os podcast que surgiram, mais recentemente, nas escolas, criados por discentes ou docentes aumentaram as possibilidades de que os processos curriculares pudessem ser melhor pesquisados e mobilizados por esse meio ampliado de comunicação.

Por isso, se sempre buscamos fazer ouvir a voz dos ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos escolares, quando contam suas tantas e diferentes histórias vividas das *artes de fazer* (CERTEAU, 1994), percebemos que a criação de podcasts permitia o aparecimento de outros ‘*espaçostempos*’ para que os movimentos de ‘*verouvirsentirpensar*’ os mundos em que vivemos, bem como, os processos curriculares múltiplos e complexos que pesquisamos também se ampliassem e, mais ainda, fossem conhecidos e movimentados, por muito mais gente.

Na pandemia, acabamos nos estimulando a “ir sempre além do já sabido” (ANDRADE, CALDAS E ALVES, 2019, p. 14), também, acerca dos usos desses artefatos digitais, para além do cumprimento de exigências acadêmicas. Por isso, a criação do podcast nos grupos de pesquisa foi algo de muita importância. Se há pouco tempo era uma plataforma pouco explorada pela Educação e pouco conhecida por nós, percebemos, rapidamente, a necessidade de criação de meios de comunicação mais ágeis, ampliando o ‘uso’ desse artefato com sua forma de acesso fácil, barato e leve, que através apenas do som, nos servia bastante.

Por isso, foram criados, no campo da Educação, os inúmeros podcast a que hoje podemos ter acesso em várias plataformas de streaming, como Spotify e Deezer, na intenção de compartilhar ‘*conversas*’ realizadas em pesquisa e nas escolas. E, lembrando o que escreveu Larrosa (2003), podemos afirmar:

nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra...e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...e essa é a maravilha da conversa...que, nela, pode-se chegar a dizer o que não se queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer... E, mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo....pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças...mantendo-as e não as dissolvendo...e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações...e isso é o que a faz interessante...por isso, em uma conversa, não existe nunca a última palavra...por isso uma conversa pode manter as dúvidas até o final, porém cada vez mais precisas, mais elaboradas, mais inteligentes...por isso uma conversa pode manter as diferenças até o final, porém cada vez mais afinadas, mais sensíveis, mais conscientes de si mesmas....por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe...e muda para outra coisa...(p. 212-213).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar compreender os deslocamentos metodológicos que foram trazidos por um



acontecimento da magnitude da pandemia que estamos vivendo, com os avanços e os recuos das possibilidades de contatos presenciais, talvez seja meio temeroso. No entanto, a duração incerta do fim da crise que vivemos, exige que busquemos, num mar de incertezas, nos acercar de algumas possibilidades de análises de processos já vividos, para que possamos continuar criando, dentro das situações em que vivemos, no presente.

Buscamos trazer, desse modo, alguns dos caminhos que desenvolvemos, com alguma frequência, buscando organizar um pouco ações desenvolvidas no que vem sendo chamado de Cibercultura.

A ampliação das possibilidades de ‘circulação científica’ - que estamos entendendo como um dos movimentos necessários nas pesquisas com os cotidianos - foi algo que nos indicou algumas condições de pesquisar no momento. A ‘circulação científica’ que já era percebida em alguns trabalhos anteriores foi ampliada com a incorporação de um número maior de ‘praticantespensantes’ dos cotidianos escolares nas ações que inúmeros grupos de pesquisa de universidades desenvolviam. Com isso, foi possível perceber uma ampliação de temáticas e de ‘espaçostempos’ nessas pesquisas. Para isso, esses grupos contaram com as inúmeras plataformas de comunicação já existentes, que permitiram contatos audiovisuais múltiplos.

A superação por todos e todas nós de medos e desconfianças nesse mundo cibernéticos, ampliou significativamente as possibilidades de relações indicadas anteriormente. Esse processo levou à formação de coletivos algumas vezes inesperados, permitindo trocas maiores entre os múltiplos ‘praticantespensantes’ das escolas.

Desse modo, no caos instalado pela pandemia, criou-se potencialidades com ações nunca antes realizadas, com relações inusitadas ou pouco comuns entre os ‘praticantespensantes’ dos processos escolares, indicando necessidades novas às pesquisas e criando deslocamentos metodológicos que precisamos registrar e comentar.

Por fim, percebendo as tantas desigualdades existentes no mundo escolar, que a pandemia só fez ampliar, pesquisadoras e pesquisadores, diretores e diretoras com docentes e discentes de escolas, buscaram ‘usar’ e criar artefatos curriculares que exigissem menos dados daqueles artefatos tecnológicos que possuíam os estudantes e os docentes para se comunicarem e que produzissem a ampliação de conteúdos mais sensíveis, mais ricos e de maior interesse dos estudantes e de maior beleza.

De certa maneira, podemos afirmar que nas pesquisas que realizamos, a profunda crise sofrida pelas escolas e pelas pesquisas com a chegada da pandemia, por inúmeros processos de resistência e criação, as ações desenvolvidas pelos ‘praticantespensantes’ desses ‘espaçostempos’ incorporaram características éticas, estéticas e políticas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Os ‘mundos culturais’ dos docentes. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon (Orgs.). **Escrita de si, resistência e empoderamento**. Curitiba: CRV, 2014. p. 203 – 214
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas** – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- ALVES, Nilda; CHAGAS, Cláudia; MENDONÇA, Rosa Helena. Usar filmes para fazer surgir modos de atuar nos currículos – migrações e cotidianos escolares. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 199 – 211
- ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45

- AUGÉ, Marc. **Pour une anthropologie des mondes contemporains**. Paris: Flammarion, 1997.
- CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes; ALVES, Nilda. Circulação científica na criação de ‘conhecimentossignificações’ em uma pesquisa em andamento: movimentos de um vídeo no Google. In: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo (Orgs). **Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares**. Ilhéus, BA: Editus, 2018. p. 189-202
- CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos: os necessários contatos entre os ‘praticantespensantes’ de currículos.2015. **Tese** (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: UERJ/ProPEd, 2015.
- CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. Redes de conhecimentos e significações e a divulgação científica em Educação – o caso do jornal eletrônico Educação & Imagem. 2010. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Rio de Janeiro: UERJ/ProPEd, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano** 1. Artes de fazer. 4 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema 2: a imagem-tempo**. S. Paulo: Brasiliense, 2007.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Potenciais cooperativos do podcast escolar por uma perspectiva freinetiana. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, vol. 20, n. 63, out.-dez/2015. p. 1033-1056.
- LARROSA, Jorge. Epílogo. **A Arte da conversa**. In SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença – e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: D, P&A, 2003. p. 211 – 216.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza. Apresentação. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Estudos do Cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas** (Orgs). Curitiba: CRV, 2019. p. 9-18.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis: DP et Alii, 2012. p. 47-70.
- VOGT, Carlos (org.) **Cultura Científica: desafios**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2006.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).